

o Prelo

Revista de Cultura
da Imprensa Oficial do
Estado do Rio de Janeiro

Você tem sede
de quê?
Você tem fome
de quê?

Página 4

CENTRO CULTURAL
RIOPREVIDÊNCIA
OFERECE LAZER PARA
TODAS AS IDADES

Página 14

A BELEZA E A
HISTÓRIA DO
CONVENTO DE
SANTO ANTÔNIO

Página 18

MÁRIO LAGO:
CENTENÁRIO
DE UM ARTISTA
MULTIFACETADO

Página 22

RICARDO CRAVO ALBIN:
A BOSSA NOVA REVISTA
NOS 50 ANOS DO
"BARQUINHO"

Página 32

RIO **CONTRA** **DENGUE**

www.riocontradengue.com.br

**DENUNCIE
OS FOCOS DO
MOSQUITO**





Sérgio Cabral
GOVERNADOR

Regis Velasco Fichtner Pereira
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Luíz Sérgio Diniz
Diretor Administrativo-Financeiro

Jorge Narciso Peres
Diretor-Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo ANO VIII nº 26

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessoria de Comunicação:
Andréa de Freitas Machado

Redatores:
Procópio Mineiro
Luiz Augusto Erthal

Estagiários:
Christina Vidoto
Mariana Florito
Priscilla Dumas
Renata Vieira
Ricardo Chau

Programação Visual:
Regina Leitão
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO

CAPA

04 Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?



ARTE

10 A beleza da arte literalmente concreta



DOCUMENTAÇÃO

12 Legado de Rui Barbosa
é preservado e disponibilizado
em Fundação

LAZER

14 A rotina que todo aposentado sonha



HISTÓRIA

18 Convento de Santo de
Antônio: uma história de
resistência (ou seria milagre?)

ESPECIAL

22 Mário Lago: O mais carioca
dos cariocas



MÚSICA

25 Um tesouro prestes a ser descoberto
pelo grande público



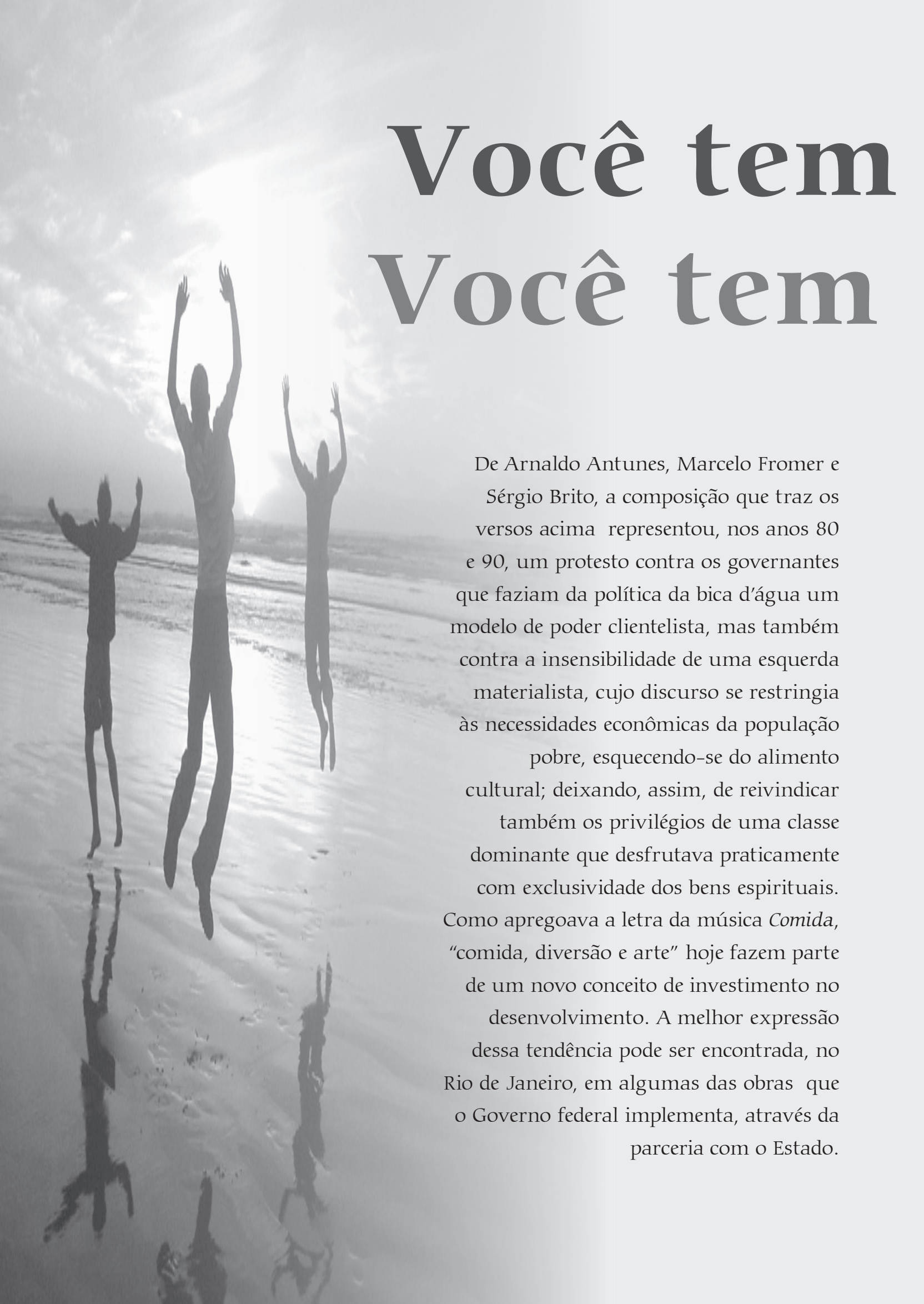
MUNICÍPIOS

26 Águas tranquilas e
ventos de desenvolvimento
no paraíso de Angra

ARTIGO

32 A novidade da bossa

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES



Você tem Você tem

De Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito, a composição que traz os versos acima representou, nos anos 80 e 90, um protesto contra os governantes que faziam da política da bica d'água um modelo de poder clientelista, mas também contra a insensibilidade de uma esquerda materialista, cujo discurso se restringia às necessidades econômicas da população pobre, esquecendo-se do alimento cultural; deixando, assim, de reivindicar também os privilégios de uma classe dominante que desfrutava praticamente com exclusividade dos bens espirituais. Como apregoava a letra da música *Comida*, “comida, diversão e arte” hoje fazem parte de um novo conceito de investimento no desenvolvimento. A melhor expressão dessa tendência pode ser encontrada, no Rio de Janeiro, em algumas das obras que o Governo federal implementa, através da parceria com o Estado.

sede de quê? fome de quê?

LUIZ AUGUSTO ERTHAL E CHRISTINA VIDOTO

Dentro de um conjunto de obras destinadas a mudar a realidade dos bairros populares do Rio de Janeiro, algumas vão além do objetivo de suprir as necessidades básicas da população, como moradia, transporte, saúde e alimentação. São realizações que visam alavancar a capacidade transformadora da cultura, um catalisador poderoso, capaz de oferecer aos cidadãos a possibilidade de superarem as adversidades do meio e construir, mesmo diante das condições mais duras, uma história de sucesso e superação.

Várias intervenções de inspiração sócio-culturais estão a caminho, enquanto outras já podem ser exploradas pela população, como, por exemplo, o cinema inaugurado no Complexo do Alemão, o CineCarioca, primeira sala de exibição de uma favela do Rio, onde se pode assistir a filmes em 3D a custos populares. A iniciativa integra o projeto Praças do Conhecimento, que tem o propósito de instalar salas de exibição e módulos de inclusão digital em áreas beneficiadas por obras do PAC. A Biblioteca Parque de Manguinhos, com suas modernas e inovadoras instalações, e a Escola Luiz Carlos da Vila, também em Manguinhos, são exemplos da incorporação de um conceito de educação revolucionário.

Do outro lado da cidade, o C4, Centro de Convivência, Cultura e Comunicação da Rocinha, vai oferecer, em 698 metros quadrados de área

construída, cinco andares com espaços destinados a exposições, auditório, restaurante, biblioteca, lanchonete, sala de informática e áreas internas e externas de convivência, apresentando-se como um centro integrado de cultura no Rio de Janeiro.

No C4, também será inaugurada uma nova passarela para facilitar o acesso dos moradores e visitantes ao Complexo Esportivo da Rocinha, na forma de um arco desenhado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. No acesso principal da comunidade haverá diversas opções de lazer, baias para carga e descarga de caminhões, quiosques com mesas, tudo isso integrado ao projeto de urbanização da Rocinha.

BIBLIOTECA DE MANGUINHOS

Inspirada em exemplos de sucesso, como a rede de bibliotecas interligadas de Medellín, na Colômbia, a Biblioteca Parque de Manguinhos é fruto da agenda de educação e cultura do PAC. A ideia principal do projeto é colocar o cidadão em contato com o ambiente do saber com dignidade. Mensalmente, mais de seis mil pessoas da comunidade de Manguinhos têm acesso gratuito à cultura sem sair do próprio bairro. Esse é o início de uma jornada cujo destino projetado por seus idealizadores é a revolução do conhecimento.

Criada em abril de 2010, a Biblioteca Parque de Manguinhos deu partida ao primeiro grande projeto cultural do PAC no Estado. A par-

ceria de sucesso entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro e o Ministério da Cultura proporcionou o surgimento de uma biblioteca preparada para as novas necessidades tecnológicas, e, porque não, intelectuais.

Descrever a experiência de visitar a Biblioteca de Manguinhos é uma tarefa difícil, já que logo no primeiro momento o visitante é surpreendido por um impulso iluminista. A sensação de um misto de liberdade, por conta do tamanho do espaço, e de conhecimento, pela quantidade de obras, é percebida instantaneamente. E o melhor, com cheirinho de modernidade.

Do meio físico ao digital, a Biblioteca Parque é considerada completa. O rico acervo de 25 mil livros oferece, além dos clássicos da literatura ocidental e oriental, obras de filosofia (da Grécia Antiga aos contemporâneos), ciências políticas, ecologia, livros de arte, cinema, fotografia, entre outros. Caso o visitante não queira ler o jornal em papel, ele pode acessar portais de notícias gratuitamente nos diversos computadores à disposição. Isso também acontece com livros, pois a biblioteca dispõe de *e-readers* (equipamento para leitura de livros digitalizados).

A Superintendente de Leitura e Conhecimento da Secretaria estadual de Cultura, Vera Saboya, foi à Colômbia buscar inspiração na experiência de Medellín. A rede de bibliotecas parques interligadas em Medellín foi criada há apenas quatro



Fotos: Leonardo Sobral

A Biblioteca de Manguinhos, além de oferecer conforto e bem-estar, é considerada completa, com suporte a mídias digitais e um acervo de 25 mil títulos

anos, mas, pelo êxito do impacto social que vem produzindo, já ganhou repercussão internacional. Elas compartilham recursos, esforços, conhecimentos e experiências para melhorar as condições educacionais e culturais das comunidades da região.

Para Vera Saboya, é fundamental a democratização do saber através de medidas governamentais. “Uma política de leitura deve propor a universalização do saber pelo acesso a uma rede digital de bibliotecas de acesso livre para qualquer pessoa, em qualquer rincão”, ressalta.

A ideia central no projeto de Manguinhos é colocar a cidadania ao alcance de todos. De olho nas dificuldades dos visitantes com necessidades especiais, a estrutura da Biblioteca Parque é adaptada para maior acessibilidade com rampas e elevadores aos portadores de cadeiras de roda. Além disso, os deficientes visuais têm uma sala especial com livros em braille e equipamentos próprios para a leitura do material.

Em meio às obras literárias, a Biblioteca Parque também oferece cursos de capacitação profissional, oficinas de produção textual, alfabetização digital e capoeira. Em breve será inaugurado um cine-teatro com capacidade para 220 pessoas. A infraestrutura será semelhante aos grandes teatros da cidade. Muitas oportunidades serão criadas para os moradores da comunidade com a criação de mais um novo espaço cultural.

A defasagem de hábitos de educação, de um modo geral, é o maior desafio enfrentado diariamente na biblioteca. A maioria das pessoas que visitam o local nunca saiu do Complexo de Manguinhos e tampouco entrou em uma biblioteca antes. Por isso, muitos confundem o ambiente com um grande playground ou até mesmo uma *lan house*, não reconhecendo o espaço da leitura.

O problema é superado a cada dia progressivamente. Agora, os li-

SERVIÇOS

- Acesso livre às estantes
- Acervos diversificados e em diferentes suportes
- Acesso às novidades do mercado editorial
- Empréstimo domiciliar
- Capacitação digital
- Acesso gratuito à Internet
- Catálogo bibliográfico on-line
- Audição individual de música
 - Sessão individual e coletiva de filmes

- Serviços para portadores de necessidades especiais
- Atividades: com crianças e jovens, de promoção de leitura
- Encontros comunitários
- Laboratórios: Produção editorial, multimídia, dramaturgias e textos teatrais, narrativas digitais
- Salas: de estudo e Sala Multiuso

SETORES

- Atualidades
- Café Literário
- CDteca
- Cine teatro
- Deficientes Visuais
- DVDteca
- Empréstimo domiciliar
- Internet Comunitária
- Leitura Geral
- Literatura
- Ludoteca
- Sala Meu Bairro
- Periódicos
- Processamento Técnico
- Referência

vros já são manuseados com maior frequência. Mais filmes são assistidos na DVDteca. É um processo lento, mas já com resultados notórios. Como introduzir o hábito da leitura em um país onde a educação tem ficado, historicamente, em segundo plano muitas vezes? Para a coordenadora da Biblioteca, Ivete Milowsky, este é um desafio de longo prazo, porém prazeroso: “É muito gratificante presenciar essa revolução cultural que estamos fazendo com a Biblioteca Parque de Manguinhos”.

Entre vários os vários setores da biblioteca, como o DVDteca, o CDteca e o Café Literário, um outro compartimento que chama a atenção é a Ludoteca. Coordenado por Sandra Gulliano, este é um espaço com capacidade para até 20 crianças e oferece oficinas de leituras, de desenho e de origami.

“Desde quando inauguramos, percebemos uma melhora de educação de 70%. Agora as crianças pedem licença, não quebram tanto os brinquedos e ajudam na organização do material”, testemunha a coordenadora.

Outra novidade é a sala Meu Bairro, onde a comunidade encontra um espaço democrático para reuniões e palestras organizadas pelos moradores. O local tem uma porta para fora do prédio e outra para dentro da biblioteca. Os cidadãos estão autorizados a utilizar a sala a qualquer momento, para qualquer finalidade comunitária. Os moradores também estão presentes entre os funcionários da biblioteca, dos quais 70 por cento foram recrutados na própria comunidade. A Biblioteca Parque de Manguinhos vem recebendo, em média, 6 mil visitas por mês.

CINECARIOCA NOVA BRASÍLIA

O CineCarioca Nova Brasília, inaugurado no final do ano passado com a presença do cineasta Cacá Diegues, oferece à população do Complexo do Alemão cultura e lazer de qualidade a preços populares. A sala conta com equipamento de última geração, incluindo projetor 3D DCI, 93 poltronas de couro – 88



Primeira sala de exibição dentro de uma favela, o CineCarioca ajuda a levar cultura e dignidade

regulares e cinco adaptadas para obesos e portadores de necessidades especiais. A sessão de estreia teve como convidados os 60 melhores alunos da rede municipal de ensino que moram na comunidade. Os estudantes assistiram ao lançamento “Tron – O Legado”, dos Estúdios Disney, em 3D.

O espaço, que integra o conjunto de investimentos do PAC no Complexo do Alemão, custou cerca de R\$ 3 milhões em edificação e equipamentos. O equipamento faz parte da Praça do Conhecimento, que tem como característica a inclusão digital, sobretudo para os jovens. A gestão e a programação da sala estão a cargo da RioFilme. Os ingressos custam R\$ 4 a meia-entrada e R\$ 8 a inteira, sendo que moradores do Complexo do Alemão e adjacências, estudantes, professores, idosos e portadores de necessidades especiais pagam meia em todas as sessões. São realizadas quatro sessões por dia, em horários

variados. O valor do ingresso é subsidiado pela Prefeitura do Rio e a programação oferece filmes para todas as idades, contando também com lançamentos de grande apelo de público, tanto nacionais quanto estrangeiros.

“A inauguração da CineCarioca foi um dos momentos mais emocionantes de minha vida de cineasta. Há muitos anos que venho dando aulas, fazendo palestras, organizando projeções de filmes em comunidades do Rio de Janeiro, e sei bem da vocação e do empenho de muitos de seus moradores em relação ao cinema e ao audiovisual”, disse Cacá Diegues.

O cineasta também é só elogios à qualidade técnica da sala, tanto de projeção quanto de conforto, a construção civil e os equipamentos instalados.

“São um testemunho do respeito que seus espectadores merecem, uma homenagem do poder público a eles. Conversei, na estréia, com



O CineCarioca teve inauguração festiva

quem estava na fila dos ingressos e pude verificar que cerca de 80% daquelas pessoas nunca tinham assistido a uma sessão de cinema. Não estou me referindo apenas aos adolescentes ou às crianças, mas também a adultos que nunca tinham visto em sua vida um filme projetado numa sala de exibição. A experiência daquela manhã é para mim inesquecível, como êxtase artístico e cultural. Mas também me revela o quanto o cinema no Brasil ainda pode crescer, incorporando a ele esse público que está há tantos anos afastado de seu hábito social.”

ESCOLA LUIZ CARLOS DA VILA

“Valeu Zumbi/O grito forte dos Palmares/Que correu terras, céus e mares/Influenciando a Abolição” (trecho da música “Kizomba, a festa da raça”, composição de Luiz Carlos da Vila).

Luiz Carlos da Vila, sambista falecido em 2008, compôs a música “Kizomba, a festa da raça” com o intuito de retratar o período da escravidão no país. A kizomba é um ritmo musical da Angola, país colonizado por portugueses, como o Brasil. Luiz Carlos da Vila agora empresta seu nome à primeira escola criada pelo PAC no país, no Complexo de Manguinhos, uma homenagem ao compositor popular que cantou como poucas suas raízes.

Pela manhã, à tarde e à noite, cerca de 1500 estudantes do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) circulam entusias-



Os 1500 alunos da Escola Luiz Carlos da Vila dispõem de uma moderna infraestrutura

mo pelos corredores da escola, que dispõe de infraestrutura moderna e confortável. Todas as salas são climatizadas, possuem cadeiras estofadas, computador para o professor e *wifi* (sistema de rede que permite conectar computadores a impressoras e outros aparelhos eletrônicos, oferecendo até a possibilidade de conexão com a Internet, tudo sem necessidade de fios).

Construída na área de um antigo quartel do Exército, a Escola Estadual Luiz Carlos da Vila, que fica próxima da Biblioteca Parque de Manguinhos, também oferece quadra esportiva, piscina, auditório para duzentas pessoas, refeitório e biblioteca dentro de suas instalações.

“O PAC veio para resgatar a auto-estima e a autoconfiança da comunidade. É um resgate de propósitos em lugar seguro, limpo, tranquilo”, comemora a diretora da escola, Cláudia Bittencourt.

Entre os diversos projetos da escola, destaca-se o *blog* produzido pelos próprios alunos no laboratório de informática, equipado com 35 computadores de última geração. Na página, pode-se encontrar informações do cotidiano escolar, conteúdo apresentado em sala de aula, dicas de estudo etc. Além de aula de informática, o propósito do laboratório é complementar as atividades escolares no ambiente digital. Os alunos podem fazer



provas simuladas e apresentação de trabalhos em data show, entre outras atividades que eram realidade apenas em algumas escolas particulares voltadas para o público de classe média alta.

“ O PAC veio para resgatar a auto-estima e a autoconfiança da comunidade ”

Aberta inclusive aos sábados, a escola também oferece oficinas de informática, cursos de salão de beleza e artesanato, atividades esportivas, jogos infantis, dança de salão e oficina de canto para toda a comunidade, através do programa Escola Aberta. O objetivo é trazer a família para o ambiente escolar. Durante as férias, a piscina, que atende aos alunos nas aulas de educação física de segunda a sexta-feira e com o programa “Suderj em forma” nos finais de semana, também foi liberada para a comunidade em três turmas de natação e uma de hidroginástica para adultos.

“O médico indicou que eu fizesse natação por causa de um problema nos ossos. Há mais de 20

Fotos: Ricardo Chau



Alunos e comunidade encontram na escola do PAC a possibilidade de acesso ao lazer

anos eu não sabia o que era uma piscina. Eu e meus parentes agora estamos sempre aqui”, relata Tereza Cristina, de 43 anos, moradora da comunidade Nelson Mandela.

“Eu estou muito feliz por tudo isso que foi feito aqui em Mangueinhos, o espaço é ótimo. Para os meus filhos é muito bom ter esse projeto, pois o tempo que eles estariam na rua estão ocupados com coisas produtivas. É a primeira vez que eles fazem natação na vida deles. Estou muito feliz. Foi uma oportunidade única e eles estão gostando muito”, completou a moradora, acompanhada dos filhos Diego e Wesley.

A comunidade também tem acesso à biblioteca da escola, que

oferece empréstimo de livros para alunos e moradores. Quem prefere ler as obras na própria biblioteca encontra um ambiente aconchegante, inaugurado pela escritora Nélida Piñon com a instalação do projeto “Leitura para todos”.

Outro projeto da escola é o Núcleo de Cultura, através do qual os alunos estão tendo acesso a aulas de música, teatro e edição de vídeo. Além do aprendizado de instrumentos musicais (a escola dispõe de vários deles), a música coral também é estimulada através do “Coral da Vila”, que se apresentou em Juiz de Fora no final do ano passado com uma cantata de Natal ensaiada pelo maestro Isaac Karabtchevsky. □

A beleza da arte literalmente concreta



Ato desesperado

Artista de São Gonçalo se destaca por fazer esculturas usando como matéria-prima o concreto. Trabalho inusitado já rendeu notoriedade a Silas de Oliveira e levou uma de suas obras à China

PRISCILLA DAUMAS

Para muitos o lugar do concreto é nas obras das casas, prédios, no calçamento. No entanto, através das mãos e ferramentas de Silas de Oliveira, o material se transforma em esculturas como “O desobediente”, obra premiada e exposta no Salão de Inverno de São Gonçalo, cidade natal do artista plástico. O material, matéria-prima para trabalhadores da construção civil, vira um jacaré do papo amarelo, que atualmente enfeita a casa de um empresário chinês. Como qualquer criança de origem humilde, Silas brincava com argila vermelha do quintal, mas não imaginaria que os bonecos que fazia com o irmão na infância fossem alçá-lo ao posto de um dos mais importantes artistas de sua cidade.

Silas já nasceu com dom para escultura, mas só em 2005 recebeu o incentivo para fazer um curso de escultura básica e, como estava desempregado, resolveu tentar. Hoje já ganhou prêmio, esteve em



O desobediente

exposições, foi o único escultor a expor na Mostra Internacional de Arte Contemporânea. Chegou a ser homenageado na Câmara de Vereadores com uma moção de aplausos “tendo em vista sua grande contribuição às Belas Artes, elevando as belezas naturais e históricas do município”.

Silas de Oliveira acredita que já se nasce com o dom, mas faltam investimentos na arte. “Um caminho que poderia trazer esperança e possibilidades para muitos jovens”, destaca ele.

A casa em que mora parece abrigar uma exposição permanente. Depois de subir uma pequena e estreita escada, se veem espalhados na varanda blocos de concreto sem a forma habitual. Em cima do banco de madeira, uma corça pula. Perto da parede, rostos de mulher, homem e criança. Ao seu lado, uma pessoa se abaixa em oração. Na sala, estão os certificados arrumados em uma pasta como se fossem delicados troféus. Segundo ele, os



Mesmo consagrado, Silas de Oliveira ainda não conseguiu vender nenhuma de suas obras



Pantanal



Vida e morte



Conexões

escultores conseguem transformar o que sentem e vivem em algo concreto, no seu caso, através da madeira, argila e concreto celular. Como a festa de aniversário infantil, onde um menino briga com os primos, a mãe chama sua atenção, ele abaixa a cabeça e dobra os joelhos. Esta cena presenciada por Silas se tornou a escultura premiada “O desobediente”.

No concreto, ele tenta reproduzir o jeito moleque de uma criança que ao fazer uma travessu-

ra se esconde entre as suas próprias pernas. Já uma reportagem que trouxe imagens de uma enchente e pessoas ilhadas o inspirou a fazer direto no concreto, sem o auxílio de um protótipo de argila, “Ato desesperado”, comparada por ele com a pintura “O Grito” de Edward Munch.

Durante uma das exposições, um visitante disse que pagaria R\$ 30 reais por uma de suas obras. No entanto, “Ato desesperado” foi avaliado em R\$ 3 mil. Por enquanto, Silas não teve nenhuma obra

vendida. “Talvez depois de morto”, diz rindo, lembrando que grandes artistas só foram reconhecidos após a morte. Do outro lado da sala, sua mulher, Ana, afirma que elogios para ele são como dinheiro, mas “palmas não enchem barriga”. E completa, que gostaria que ele se dedicasse somente a esculpir. A participação em exposições e os prêmios são a recompensa pela paixão pela escultura. “A arte é a valorização da vida, com ela passei a valorizar mais a minha.” □



Fachada do museu Casa de Rui Barbosa alia preservação e história em Botafogo

Legado de Rui Barbosa é preservado e disponibilizado em Fundação

Acervo iconográfico e bibliográfico está à disposição do público no museu Casa de Rui Barbosa e na Internet

MARIANA FLORITO

Localizada na Rua São Clemente, em Botafogo, na Zona Sul do Rio, uma casa se destaca em meio aos modernos prédios da região. Em um lote de antigas chácaras do século XIX, a residência neoclássica chama atenção por seu caráter histórico logo perceptível, um majestoso jardim de árvores frutíferas e vegetação cultivada, com 9.000 m², é hoje uma das poucas áreas verdes do bairro. A casa foi morada de Rui Barbosa e sua família até 1923, ano de sua morte. A partir de então, o espaço se transformou em um reduto de conservação da memória e de estudos históricos dando início a Fundação que hoje acolhe um acervo documental e bibliotecário magnífico.

Rui Barbosa se tornou um personagem importante da história do Brasil ao ganhar prestígio como ministro, jornalista, advogado e diplomata. Estudioso da língua portuguesa, presidiu a Academia Brasileira de Letras e foi candidato por duas vezes à Presidência da República. Ao longo de sua vida, Rui organizou uma biblioteca com 23 mil títulos sobre os mais variados ramos do conhecimento. Além disso, deixou como

legado um arquivo com mais de 60 mil documentos que recebeu e produziu de 1849 a 1923. A Fundação Casa de Rui Barbosa nasceu com intuito de conservar não só a biblioteca e o arquivo de Rui Barbosa, mas também quaisquer objetos pertencidos ao grande estadista ou que se relacionem com sua vida. Em 1930, o então presidente Washington Luís inaugurou o primeiro museu-casa do Brasil, com a aquisição do prédio, mobiliário, biblioteca, arquivo e propriedade intelectual da obra de Rui Barbosa.

O centro de pesquisa, hoje, é dividido em cinco setores: História, Filologia e Literatura, Direito, Políticas Culturais. Graças a seu valioso acervo bibliográfico e documental, a Fundação se tornou um importante núcleo de pesquisadores atraindo estudiosos de todo o país e do exterior. A instituição acolhe um dos mais expressivos e diversificados acervos documentais do país, reunidos ao longo de sua existência. O Centro de Memória e Informação é responsável pela guarda, preservação e divulgação deste acervo.

O arquivo é composto por documentos textuais e iconográficos em

permanente crescimento através de doações que englobam acervos como de Rui Barbosa, da família Lacombe, Barbosa de Oliveira, Jacobina, entre outras.

“Estes documentos têm uma importância social fantástica pela riqueza de informações sobre o cotidiano familiar e as redes de relacionamento no século XIX e início do XX. Em determinados materiais, podemos perceber a presença de indicadores para análises mais amplas como, por exemplo, como os escravos eram vistos naquele contexto”, destaca a chefe do setor, Lúcia Maria Velloso.

Iniciada com os livros de Rui Barbosa, a biblioteca engloba ainda livros infanto-juvenis e coleções de escritores, doadores e etc. Embora haja uma diversidade muito grande de títulos e assuntos, a instituição tenta se ater às áreas de pesquisa e possui um acervo dinâmico de obras. Todas essas preciosidades estão à disposição do público. Ao chegar na instituição, os documentos passam por um processo técnico, além de procedimentos de conservação e preservação do material. Depois disso, é feito o processamento, e

a descrição do acervo é disponibilizada ao público num banco de dados de duas formas: digital e referencial.

Num cofre, guardadas a sete chaves, estão depositadas obras raras, como primeiras edições de livros, dedicatórias de importância, além de antiguidades. No total, são 200 mil itens juntando coleções e periódicos. O prédio-sede conta ainda com uma sala de consulta, com acesso por agendamento, a fim de assegurar as condições adequadas à pesquisa e proteção de sua coleção.

“O importante é que nosso usuário tenha acesso a esse acervo. Fazemos constantes pesquisas sobre como o usuário pesquisa na web, por exemplo, para podermos sempre aperfeiçoar nosso sistema de busca a fim de atender melhor a demanda”, destaca Lúcia Maria.

MUSEU

O museu Casa de Rui Barbosa é o primeiro museu-casa do Brasil. No espaço, o visitante tem a possibilidade de se perceber a forma de viver da época, já que ainda todo o mobiliário da residência onde morou Rui Barbosa e sua família foi mantido. O jardim que o intelectual cuidava pessoalmente – muitas das árvores frutíferas foram plantadas pelo próprio patrono – hoje, abriga atividades culturais.

“A Casa de Rui Barbosa tem uma preocupação muito grande com a informação prestada ao público. Temos visitas guiadas e estamos implantando um novo sistema de áudio-guia. Assim, cercamos o visitante de todas as informações que ele merece receber”, disse Jurema da Costa, responsável pelo Museu Casa de Rui Barbosa. □

SERVIÇO

Endereço: Fundação Casa de Rui Barbosa está localizada na Rua São Clemente, 134, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ. Tel.: 21.3289-4600

Horários de funcionamento:

Jardim: das 8 às 18h.

Museu: de 3ª a 6ª feira, das 10 às 18h. Na última 3ª feira do mês aberto até às 20h. Aos sábados, domingos e feriados das 14 às 18h, com a última entrada 30 minutos antes do fechamento. A taxa de ingresso é R\$ 2,00. Menores de 10 anos e maiores de 65 anos não pagam ingresso. Entrada franca aos domingos.

Biblioteca e arquivos: 2ª a 6ª feira, das 9 às 18h, com a última entrada 45 minutos antes do fechamento

Biblioteca infantil: 2ª a 6ª feira, das 9h30 às 12h e das 14 às 17h.

Atividades permanentes: 3ª feira, às 10h, Hora do conto e 5ª feira, às 15h, Oficina de criação.

Consultas

Os acervos podem ser consultados diariamente, das 9h às 17h30, mediante agendamento, na sala de consulta, no edifício-sede, pelo telefone 3289 4655 ou pelo e-mail consulta.acervos@rb.gov.br

Textos on-line e o banco de imagens da FCRB já podem ser consultados online no site <http://www.casaruibarbosa.gov.br/>.



Setor de guarda preserva acervo com segurança e organização



A biblioteca de Rui Barbosa se mantém original e está acessível à consulta

O jurista que defendeu a igualdade entre as nações

O advogado e jornalista Rui Barbosa de Oliveira nasceu em Salvador, Bahia, em 5 de novembro de 1849. No início da carreira, na Bahia, engajou-se na campanha em defesa das eleições diretas e da abolição da escravatura. Foi político relevante na República Velha, ganhando projeção internacional durante a Conferência da Paz em Haia (1907), quando defendeu a igualdade entre as nações. Eleito deputado provincial, atuou na elaboração da reforma eleitoral, na reforma do ensino, emancipação dos escravos, no apoio ao federalismo e na nova Constituição.

Em 1916, designado pelo então presidente Venceslau Brás, representou o Brasil no centenário de independência da Argentina, discursando na Faculdade de

Direito de Buenos Aires sobre o conceito jurídico de neutralidade. O discurso causaria a ruptura definitiva das relações do Brasil com a Alemanha. Três anos depois, no entanto, Rui Barbosa recusou o convite para chefiar a delegação brasileira na Conferência de Paz em Versalhes. Com seu enorme prestígio, candidatou-se duas vezes ao cargo de Presidente da República, mas foi derrotado.

Como jornalista, escreveu para diversos jornais, principalmente para A Imprensa, Jornal do Brasil e o Diário de Notícias, jornal o qual presidia. Sócio fundador da Academia Brasileira de Letras, sucedeu Machado de Assis na presidência da Casa. Rui Barbosa morreu em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1923.



A rotina que todo aposentado sonha

Servidores inativos retomam atividades culturais e vida social no Centro Cultural RioPrevidência

RENATA VIEIRA



Fotos: Mariana Florito

Além de dança, atividades físicas e participação em eventos, frequentadores do centro cultural descobrem vocações artísticas e novas habilidades

Dos 25 anos de magistério de Vera Lúcia Oliveira, 17 foram dedicados ao Estado. A sonhada aposentadoria chegou em 2009 quando, enfim, sobraria mais tempo para descansar e se dedicar à família. Com energia de sobra, a professora de Português enjoou rapidamente da rotina e sonhava praticar uma atividade que lhe desse prazer e, quem sabe, até retomar a vida social. Há um ano, Vera finalmente conseguiu aproveitar a aposentadoria e ver “sua qualidade de vida dar um salto”, de acordo com suas próprias palavras, trocando o ócio por atividades como ginástica e oficinas de teatro musical. A mudança só foi possível graças ao RioPrevidência

Cultural, inaugurado em setembro de 2009, na Rua Manoel de Abreu, no Maracanã, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

“Antes, não havia opções de lazer para o aposentado. O jeito era ficar em casa, parado”, contou Vera Lúcia, no intervalo entre a aula de samba e a próxima aula de dança. O local, concebido a partir das demandas dos próprios segurados, dispõe de biblioteca, centro de treinamento profissional e preservação histórica, espaço multiuso, sala de convivência e área de lazer. Dentre as diversas atividades oferecidas ao servidor e também ao cidadão comum, destacam-se os cursos de informática, inglês e espanhol, as aulas de ginástica,

dança de salão e música. O RioPrevidência Cultural promove ainda exposições no espaço e passeios a diversas instituições culturais do Estado.

O RioPrevidência Cultural foi idealizado pela administração do Fundo Único de Previdência Social do Rio de Janeiro e, segundo o diretor-presidente do RioPrevidência, Gustavo Barbosa, a ideia de construir um espaço cultural partiu dos próprios servidores.

“Identificamos que os servidores sentiam falta de um lugar que pudesse servir de ponto de encontro para reencontrar velhos amigos do serviço público e fazer novas amizades. A partir daí, começamos a pensar numa forma de

suprir essa carência”, conta Barbosa. Na gestão do centro cultural, a historiadora Carmen Dysarz também destaca a importância de ouvir o servidor: “Ouvir a demanda do público é fundamental para qualquer instituição cultural, principalmente para a nossa, que atende a um público muito exigente.”

Carmen conta que já há uma lista de espera para os cursos, tamanha a procura dos servidores e também do público em geral. E a mistura entre esses públicos gera um intercâmbio interessante de gerações. Orlando Correia, funcionário da administração do RioPrevidência Cultural e também professor de violão, tem alunos que vão dos 10 aos 70 anos e enfatiza que o convívio entre jovens e idosos é sempre muito enriquecedor para as duas partes. A cada mês, há

Foto: Salvador Scofano



O diretor-presidente do RioPrevidência, Gustavo Barbosa, conta que a idéia partiu dos próprios servidores

novas temáticas das atividades, exposições e passeios. Fevereiro e março, por exemplo, foram dedicados ao carnaval e à mulher.

Além dos benefícios que as atividades corporais proporcio-

nam à saúde, o espaço, a alegria da convivência com os colegas, os bate-papos e até mesmo a programação de atividades fora do espaço. Segundo a aposentada, os benefícios do centro cultural têm

Biblioteca do RioPrevidência já tem projeto de expansão

Criada em 1965 no antigo IPERJ, a biblioteca da Previdência abriga hoje 4 mil volumes da área jurídica e econômica, além de exemplares de literatura brasileira autografados, dentre os quais figuram grandes nomes como Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz. Sob os cuidados da dedicada bibliotecária Telba Legaut – há 60 anos na Previdência do Estado -, o recente espaço da biblioteca do RioPrevidência já aguarda transformações. Ela conta que a expectativa é que mais 4 mil livros cheguem ao espaço. Por enquanto, só os servidores podem levar as obras para casa, mas em breve, quando a biblioteca integrar o Sistema Estadual de Bibliotecas, todo cidadão poderá realizar empréstimos dos livros.

Os cursos de informática, inglês e espanhol, e também as aulas de teoria musical são ministrados no Centro de Treinamento. Com capacidade para 12 pessoas, o espaço é equipado com computadores, aparelho datashow e um quadro branco. “Todas as capacitações funcionais, inclusive os cursos de formação para os concursados do RioPrevidência ocorreram aqui, além de reuniões dos gestores de Recursos Humanos do Estado. Também abrimos espaço para encontros comunitários, em parceria com a Subprefeitura da Tijuca e Região Administrativa de Vila Isabel, e recebemos outras instituições como colégios estaduais e municipais da região, além do Hospital Pedro Ernesto e o Cap’ Mané Garrincha que utilizarão nossas instalações para treinamento de suas equipes”, explica a gestora Carmen.

A Sala de Convivência, equipada com computadores, é um lugar para quem quiser treinar o que aprendeu no curso de informática. Orlando Correia, funcionário do RioPrevidência e também professor de violão, conta que a sala também é um espaço para relaxar, fazer uma leitura, bater um papo no sofá. E logo em frente está a Área de Lazer, onde os

visitantes podem relaxar nas mesas e cadeiras e provar deliciosas goiabas que caem, frescas, da goiabeira que embeleza o local. Oladir Rosa, de 67 anos, é frequentadora assídua do RioPrevidência Cultural. Adora sentar no sofá da sala de convivência e conversar com os amigos. A costureira aposentada que mora em São Gonçalo não vê problemas na distância entre a casa e o centro cultural. “Isso aqui nos ensina a vencer e não ter medo de sair de casa. Nos sentimos jovens, independentes e valorizados, que é o melhor de tudo”, diz ela, que participa das aulas de teatro e coral.

Além das diversas atividades e dos passeios mensais, todo terceiro sábado de



Biblioteca da Previdência abriga, hoje, 4 mil livros

cada mês o espaço organiza um evento com música, peça de teatro ou simplesmente uma grande festa. Orlando Correia conta que as festas sempre são ótimas, pois além dos frequentadores do centro as famílias também participam. “São pais, mães, filhos, avôs, avós e netos todos juntos, se divertindo em um ambiente de gentileza e alegria. É uma beleza!”, diz ele.

SERVIÇO

Endereço: Av. Professor Manuel de Abreu, nº 300 - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20550-170 - Telefone: (21) 2334-2207



Oladir Rosa pratica informática em um computador da sala de convivência

seus desdobramentos: “daqui, a gente marca de sair em grupo, fortalece as amizades também lá fora. E a gente chega cheia de disposição em casa, meus netinhos adoram”, completa.

Os professores que ministram as atividades, todos voluntários, se orgulham das muitas transformações de vida que presenciaram. O professor de Técnica de Alexander, Jeferson Gomes, lembra que quando chegou ao RioPrevidência Cultural, há um ano, se deparou com um cenário de baixo astral e até depressão por conta do abandono familiar e da sensação de improdutividade que acomete muitos idosos. Ele conta que em poucos meses a transformação foi absoluta. Hoje, o que se vê são sorrisos largos e muita disposição. “Aquela tristeza do início sumiu, hoje elas estão com o astral lá em cima, se divertem muito aqui”, explica Jeferson.

Sandra Serrado, professora do Estúdio Oficina, define seu trabalho como uma forma de oferecer novos caminhos para a felicidade. Ela conta que muitas alunas melhoraram o relacionamento com a família, o que atribui à energia boa do centro que é levada para casa. Muitas até diminuíram a carga de medicação para hipertensão

e insônia, explica a professora, orgulhosa: “Aos poucos, a gente vai percebendo a melhora das pessoas. Há um resgate da alegria de viver”, afirma a professora, orgulhosa.

Com capacidade para 130 pessoas, o **Espaço Multiuso** recebe, todos os dias, os alunos das aulas de dança, teatro, ginástica, entre outras. E enquanto elas transcorrem, é possível voltar um pouco no tempo e reviver a época do antigo Montepio dos Empregados Municipais e do Instituto de Previdência Social, que em 1975 se juntaram para formar o IPERJ. Nas paredes, fotos da época integram o *layout* do local juntamente com o Espaço Memória, que reproduz, através de objetos e mobiliário antigo o escritório previdenciário de anos atrás.

Renata Viana, uma das responsáveis pelo local, explica que, periodicamente, os livros antigos e documentos expostos são trocados para que o público tenha acesso a diversos trechos da história da previdência. Exposições mensais também compõem o espaço. Renata explica ainda que as temáticas de cada mês – a exemplo do carnaval em fevereiro e da mulher, em março – são assunto para exposições com dados históricos e até trabalhos artísticos de ex-servidores. □

Do Montepio dos Empregados ao RioPrevidência

- 1891: Criação do Montepio dos Empregados Municipais, entidade de previdência e assistência social aos servidores públicos do Distrito Federal, a Capital Federal nessa época.

- 1938: Surge a Caixa Reguladora de Empréstimos, voltada para pensões para irmãs solteiras e irmãos menores, auxílio-natalidade, financiamento para compra e construção da casa própria.

- 1952: O Estado do Rio de Janeiro cria o Instituto de Previdência Social – IPS, nos moldes de montepio para os seus funcionários.

- 1960: A capital federal se transfere para Brasília e surge o Estado da Guanabara. O montepio é então transformado em Montepio dos Empregados do Estado da Guanabara por decreto estadual. Aqui são instituídas as pensões para filhos fora do casamento e para companheiras, além das viúvas.

- 1962: O governo carioca cria o Instituto de Previdência do Estado da Guanabara - IPEG, acabando com o Montepio da Guanabara.

- 1975: Com a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, criando o novo Estado do Rio de Janeiro, o Instituto de Previdência do Estado da Guanabara – IPEG e o Instituto de Previdência Social – IPS foram extintos para a criação do Instituto de Previdência do Estado do Rio de Janeiro – IPERJ.

- 1999: O Governo do Estado do Rio de Janeiro cria o Fundo Único de Previdência Social do Estado do Rio de Janeiro, o RioPrevidência.



Projeto leva dança a comunidades pobres e resgata jovens através da arte

Através do 'Dançando para não dançar', moradores de favelas se apresentam em palcos da Europa e Estados Unidos

RICARDO CHAU

Das vielas do Morro da Mangueira para os palcos de Nova York. Um sonho aparentemente impossível, que mais lembra um roteiro cinema, ou quem sabe um espetáculo no qual Ingrid Silva, a menina pobre que foi selecionada para o Dance Theater of Harlem, emociona o público com um número de dança contemporânea. A história de Ingrid e de outras crianças nascidas em comunidades pobres só pode ser reescrita graças ao projeto "Dançando para não dançar", que atende centenas de crianças e jovens de 15 comunidades do Rio de Janeiro.

O projeto tem como um dos patrocinadores a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Há 16 anos, o projeto forma gratuitamente bailarinas moradoras de favelas e periferias através da colaboração de importantes nomes do balé brasileiro, como Paulo Rodrigues, primeiro bailarino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e Thereza Aguilar, bailarina clássica, idealizadora e coordenadora do projeto.

O trabalho desenvolvido pelo projeto "Dançando para não dançar" ultrapassou fronteiras. Bolsas de estudos no exterior, como a que Ingrid conquistou, não são uma exceção. Ingrid, que hoje tem 23 anos, fez parte da primeira turma

do projeto, de onde saiu para um curso de especialização no Centro de Movimento Deborah Colker e no Grupo Corpo, em Belo Horizonte. Após cursar Dança na universidade, foi selecionada para o filme "Maré, nossa história de amor", de Lúcia Murat. Fez audição nos Estados Unidos, em 2007, e foi selecionada para a Dance Theater of Harlem, em Nova Iorque.

Outra que obteve destaque em palcos estrangeiros foi Bárbara Mello, contratada como solista pela Cia Volkstheater, em Rostock (Alemanha). A ex-moradora do Morro do Cantagalo, em Copacabana, foi aprovada na Escola de Dança Maria Ole-nowa e, em 1998, selecionada na audição realizada pelo projeto para um intercâmbio de 15 dias, na Staatilicher Balletschule Berlin, na Alemanha. Em 1999, a jovem foi selecionada para especialização de cinco anos na escola em Berlim. Hoje, a bailarina integra a Cia de Magdeburg.

"A dança recupera a auto-estima dos alunos, porque a dança não mexe só com o corpo, mas com a forma como eles veem o mundo", acredita Thereza.

O projeto arca ainda com as despesas em inscrições e audições no Brasil e no Exterior, bolsas de estudos em faculdades, cursos de línguas, pré-vestibulares e profissionalizantes, além de inscrições em

concursos públicos. Num laboratório de informática, as crianças se aprofundam na história do Balé, através de pesquisas do computador. O "Dançando para não dançar" oferece ainda atendimento odontológico para os futuros bailarinos. Após concluir o curso, os alunos ganham certificação para lecionar dança.

Patrocínio. - A inclusão da Companhia como convidada do Programa Petrobras Cultural, em 2007, foi um reconhecimento do grupo como profissional e não apenas como um projeto de Responsabilidade Social. O patrocínio permitiu preencher uma lacuna que o projeto enfrentava: a inserção dos jovens formados no mercado de trabalho. O "Dançando para não dançar" promove uma turnê nacional com 17 espetáculos, em cidades do Estado do Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Salvador.

Mesmo antes da oficialização da Companhia, os bailarinos já se apresentaram em palcos montados em praças, praias, parques, feiras populares, comunidades, estações de trem e metrô. Entre as apresentações mais marcantes, no entanto, estão a do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 2005, e a do Palácio do Planalto - quando a companhia recebeu o Prêmio Objetivos do Milênio, no mesmo ano. □



Interior da igreja do convento

Convento de Santo Antônio: uma história de resistência (ou seria de milagre?)

PROCÓPIO MINEIRO



Uma das imagens de São Francisco

Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, faz parte da história carioca e desempenhou papel marcante em momentos decisivos, como invasões estrangeiras e a Independência. Sobreviveu a planos de demolição, resistiu a tentativas de expulsão dos frades e até virou quartel do Exército, quando parecia que sua história chegava ao fim. Mas manteve sempre sua missão de centro de difusão religiosa e espaço de reflexão cultural – mais um milagre de Santo Antônio, acreditam muitos.

As maciças construções brancas coroando o morro, com o Largo da Carioca aos pés, podem não chamar a atenção dos passantes apressados que vivem nesta época de grandes preocupações materiais, excessiva racionalidade e rala espiritualidade. Mas o Convento de Santo Antônio, com sua igreja própria e a da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, lado a lado, parece pairar sobre o momento presente. Suas grossas paredes de quatro séculos guardam História e, se bem interrogadas, podem falar desse relacionamento sutil entre a crença e a vida do dia a dia na cidade que desempenhou singular papel na formação do Brasil. Aparentemente imóvel lá no alto, mexe-se como desde sempre e continua a levar mensagens a muitas regiões cariocas.

Aqui, mais que um mergulho religioso no santuário, vamos procurar verificar qual o diálogo tetracentenário que se estabeleceu entre a cidade e aquele morro, que é hoje também um monumento cultural.





A quietude reverencial prevalece nos corredores

Os primeiros sacerdotes a pisarem no Brasil foram os frades chefiados por Frei Henrique de Coimbra, que acompanhavam Pedro Álvares Cabral. Celebraram a primeira missa e partiram para a Índia, onde o comandante os deixou, quando voltou a Portugal. O histórico franciscano fala em frades que, esporadicamente, desembarcavam no Brasil para catequizar índios, com raros sucessos, pois não se registra caso em que tivessem retornado a Portugal. Assim, a evangelização organizada só tomaria impulso com os jesuítas, que, em

1549, sob a chefia de Manoel da Nóbrega, desembarcam na Bahia com o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa.

Como se sabe, porém, os portugueses já nascem devotos de Santo Antônio, um franciscano nascido em Lisboa no final do século XII. Assim, nada mais natural que os colonos procurassem atrair frades para as diversas capitanias. Mas somente em 1584 a província franciscana de Santo Antônio, no reino, liberou o primeiro grupo de nove missionários para fundarem um convento em Olinda, então capital de Per-

nambuco. Dessa primeira casa saíram os frades que, nas décadas seguintes, semearam o Nordeste e o Sudeste de outros conventos, em geral construções precárias, em meio ao extenuante trabalho de catequese de tribos extremamente hostis, sobretudo em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, onde a insistente presença francesa, em aliança com os numerosos e belicosos potiguares, representava um perigo permanente, com muitos casos de mortes de religiosos.

Também do Rio de Janeiro partiram convites para que os frades se estabelecessem na cidade. Frei Manuel da Ilha, em sua crônica da época “Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil – 1584-1621” (Ed. Vozes, Petrópolis, 1975) narra que “tal pedido obteve resposta afirmativa somente no ano de 1608, quando Frei Leonardo de Jesus, pela segunda vez Custódio desta santa Custódia, embarcou com seis frades para a dita Capitania. Foram recebidos na cidade pela nobreza e pelo povo com provas de indizível amor, como se fossem anjos.”

O cronista, que compôs seu trabalho ouvindo os confrades que tinham participado dos acontecimentos cariocas, conta que a escolha do morro de Santo Antônio foi especialmente acertada: “Nosso pai São Francisco e Santo Antônio, a quem se devia dedicar esta casa, quiseram mostrar o quanto lhes agradou o lugar onde a casa foi depois construída: era ótimo para a devoção do povo; além disso, quando nele eram cavados os fundamentos, se encontrou uma grande pedreira que forneceu material suficiente para toda a construção; caso contrário as pedras deveriam ser procuradas longe, com muita despesa e muito trabalho, o que sói acontecer com todos os que constroem nesta cidade. Tal fato foi considerado pelos moradores e religiosos de outras ordens um especial favor e benevolência do céu.”





A capela de Nossa Senhora das Dores, com belíssimo retábulo de sete pinturas com as sete dores de Maria

A pedra fundamental foi lançada no dia 4 de junho de 1608 e a construção prolongou-se por 12 anos, até 1620, quando se deu a inauguração oficial do convento, construído com a colaboração financeira do povo. Em 1621, fim da narrativa de Frei Manuel da Ilha, ele já assinala que o número de frades aumentara de sete para 13. Ao longo do tempo, houve períodos em que havia dezenas de frades, reduzidos a um único no final do Império por força do decreto de D. Pedro II que estrangulou as ordens religiosas por mais de 30 anos, a partir de 1855, e levou ao esvaziamento e à

ruína inúmeros conventos. Hoje, o Convento de Santo Antônio abriga uma comunidade de 14 frades.

Em 1776, os frades criaram uma Universidade no santuário, com 13 cadeiras, e a instituição perdurou até 1820, sendo responsável, ao que parece, por uma safra de homens ilustrados, entre eles alguns frades notáveis, com decisiva influência no período da Independência, como o também jornalista e conselheiro pessoal de D. Pedro I, Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, o Frei Sampaio.

Jurista, poliglota, historiador, profundo conhecedor da ciência

política, além de filósofo, teólogo e orador consagrado, Frei Sampaio meteu-se nas confabulações secretas em torno da Independência, a partir de 1820, depois que D. João VI voltou a Portugal e as Cortes de Lisboa decidiram recolonizar o Brasil, que o monarca promovera a Reino Unido desde 1816.

Para evitar a espionagem dos agentes portugueses obedientes às instruções das Cortes, Frei Sampaio tornou o Convento de Santo Antônio o ponto seguro dos conspiradores. Na sua cela eram realizadas as reuniões e o próprio regente D. Pedro passou inúmeras madrugadas no local, trocando idéias e sendo orientado a assumir a Independência. A Frei Sampaio coube redigir o Manifesto do Povo do Rio de Janeiro ao Príncipe, que gerou, a 9 de janeiro de 1822, o “Fico” do futuro imperador – a travessia do Rubicão nacional que precipitou os acontecimentos em direção à separação de Portugal.

Monarquista constitucional convicto, recheou suas pregações religiosas de conceitos políticos nesta fase. Três semanas antes da Independência, em meados de agosto de 1822, o representante austríaco Wenzel de Mareschal acompanhou um longo sermão de Frei Sampaio na Capela Real e saiu preocupado: escreveu que nada ouvira sobre Jesus Cristo, mas, entre uma Ave-Maria e um Te Deum, o eloquente frade ensinara tudo sobre a soberania do povo numa nação livre.

A pena inquieta e brilhante de Frei Sampaio trabalhou ainda pela monarquia constitucional ao redigir grande parte da Constituição de 1824. A partir daí, os desatinos do jovem monarca parecem ter separado o conselheiro e o pupilo. Frei Sampaio vai morrer em 1830, com apenas 52 anos e já sem qualquer atividade política, poucos meses antes que um desorientado Pedro I se visse forçado a abdicar ao trono.

RESISTÊNCIA – O Convento de Santo Antônio por pouco não seria hoje mera lembrança citada em poucas linhas de algum livro de História.





Na sacristia, um arcaz feito de jacarandá chama a atenção

Escapou da sanha patrimonial de D. Pedro II, a partir de 1855, e, já na República, quase sucumbiu à fome demolidora da reurbanização que levou o Morro do Castelo, sendo salvo por uma rebelião popular que formou um cordão humano em torno do convento e impediu que a prefeitura expulsasse os frades e iniciasse a demolição.

O santuário franciscano escapou, mas a vingança foi imediata e diretamente contra Santo Antônio: uma portaria ministerial cassou-lhe o soldo de Capitão da Infantaria, patente que lhe fora atribuída em 1710, quando o convento serviu de fortaleza contra os invasores franceses. A vitória, considerada um milagre, fora atribuída ao santo, que recebeu então a patente militar em reconhecimento, sendo o soldo pago aos frades.

A ameaça imperial, porém, foi a mais efetiva. Em 1855, um decreto proibiu as ordens religiosas de aceitarem novos membros, uma vez que D. Pedro II decidira extinguir essas organizações que fugiam ao controle do sistema de Padroado (o monarca mandava efetivamente na Igreja) e eram apetitosas presas pelo patrimônio acumulado em séculos.

O plano imperial consistia em levar à extinção física as comunidades religiosas, impedindo que recebessem novos membros a partir de 1855. Ao contrário do Marquês de Pombal, primeiro-ministro de seu trisavô D. José I, D. Pedro II não obteve o apoio papal para simplesmente decretar a dissolução das ordens no Brasil ou a expulsão dos religiosos, como Pombal fizera com os jesuítas um século antes, em 1759.

Assim, quando chegou à República, pelo país inúmeros conventos estavam vazios, muitos já em ruínas, mas em alguns um ou outro frade nonagenário resistia, solitário na imensidão conventual. No caso do Convento de Santo Antônio, a situação era ainda pior, pois o governo imperial o transformara em quartel desde 1885, lá alocando o 7º Batalhão de Intendência do Exército, embora ainda restasse um teimoso e solitário frade.

A restauração das ordens no Brasil logo viria, na República, com o socorro de religiosos europeus (principalmente espanhóis, italianos e alemães), atendendo a uma ânsia dos católicos. O site eletrônico dos frades carmelitas (www.pcse.org.br)

registra uma frase do então Presidente Floriano Peixoto, que expressa o apoio popular à retomada da presença das ordens na vida católica nacional: “Não é nem pode ser intenção do Governo da República apossar-se dos bens que a piedade dos fiéis doou às Ordens Religiosas, mas não lhe pode ser indiferente ver a decadência em que se acham; trate a Santa Sé de reformá-las e conte com o meu apoio.”

No caso dos frades franciscanos, a restauração ficou a cargo da província alemã da Santa Cruz, na Baviera, que enviou um número crescente de religiosos, retomando a ação dos conventos, entre eles o de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, onde, ironicamente, repousam os corpos de cinco filhos dos dois imperadores.

A resistência física de Frei João do Amor Divino Costa, que só veio a morrer em 1909, com mais de 90 anos - quando já se iniciava o repovoamento do convento com os confrades alemães - teria sido um milagre carioca de Santo Antônio para preservar aquele testemunho da história da cidade? □





O mais carioca dos cariocas

No ano em que se comemora o centenário de Mário Lago, O Prelo inicia a contagem regressiva para a data e traz um especial em homenagem ao artista

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Se é verdade, como afirma o ditado popular, que o cavaco não pula longe do pau, a trajetória do carioca Mário Lago é uma confirmação de que a história de vida de cada um já pode estar, de certa forma, impressa em seu DNA. Tudo parecia encaminhar o jovem de 22 anos, recém formado em Direito naquele ano de 1933 pela Universidade do Brasil -

atual UFRJ, para uma promissora carreira jurídica. No entanto, a voz do sangue parece ter falado mais alto.

Do avô materno, o anarquista italiano Giuseppe Croccia, herdou a pregação política libertária; do pai, o famoso maestro Antônio Lago, o gosto pela música; do meio boêmio carioca, alegria e irreverência. Criado, assim, em um ambiente de profusão lírica e

política, é natural que suas influências domésticas o tivessem levado a inclinações menos ortodoxas do que a banca de advocacia, exercida apenas por poucos meses.

Não há como negar que a história familiar tenha contribuído para a formação desse artista completo - compositor, ator, radialista e, acima de tudo, um ativista político que interpretava a vida no papel de seu principal personagem: Pádua, codinome de Mário Lago em sua militância política nos tempos de clandestinidade. O que ninguém poderia prever era a abundância de talentos que o transformariam em verdadeiro predestinado, capaz de transformar suas criações, seja no teatro, no cinema, na televisão ou na música, em verdadeiros ícones culturais por várias gerações.

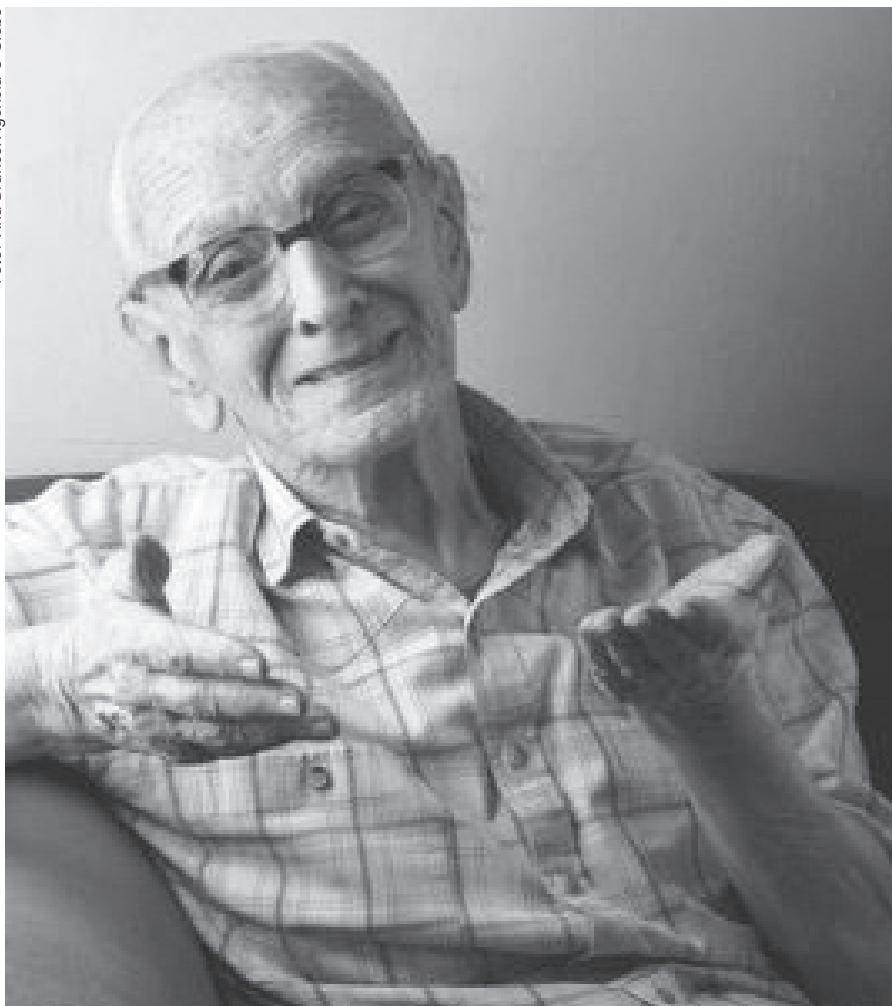
Sucessos como "Ai que saudades da Amélia" e "Atire a primeira pedra", músicas compostas em parceria com Ataulfo Alves, ou "Nada além", canção feita a quatro mãos com Custódio Mesquita e imortalizada na voz de Orlando Silva, competem em popularidade até hoje com personagens inesquecíveis de filmes como "Terra em Transe", obra-prima do Cinema Novo dirigida por Glauber Rocha, ou de novelas para a televisão, como "O Casarão" e "Barriga de Aluguel".

No dia 26 de novembro de 2011, Mário Lago completaria 100 anos. Morreu aos 90, no dia 20 de maio de 2002, no Rio de Janeiro, mesma cidade em que nasceu e viveu. E foi, talvez, com toda a força de seu talento cênico, um dos mais perfeitos intérpretes da alma carioca. Boêmio, alegre, irreverente, poeta inato, amante da música, dos cafés e teatros, encarnou o espírito da cidade na vida e na morte - foi, a seu pedido, velado em clima de festa no Teatro João Caetano com música, roda de samba e cerveja, e enterrado ao som de suas canções, entoadas em coro pelos amigos e admiradores presentes.

O ARTISTA

A primeira manifestação artística de Mário Lago foi como poeta. Com apenas 15 anos, viu publicada pela primeira vez uma poesia sua na imprensa carioca. Porém, a carreira artística mesmo iria esperar até ter terminado a faculdade, quando passou a se envolver com o teatro de revista, escrevendo, compondo e atuando. Enquanto isso, a música ia ganhando corpo.

Durante seis anos, estudou piano com Rocília Villa-Lobos, primeira mulher do maestro. Ele costumava contar que havia desistido do piano depois de participar de uma roda de samba. A música popular entrara definitivamente em sua vida. Aos 25 anos, em 1936, saía a sua primeira marchinha



O bom humor e a espiritualidade foram marcos de Mário Lago

de carnaval, “Menina, eu sei de uma coisa”, em parceria com Custódio Mesquita, gravada por Mário Reis.

Além dos sucessos “Ai que saudades da Amélia” e “Atire a primeira pedra”, a marcha carnavalesca “Aurora”, feita em parceria com Roberto Roberti, tornou-se igualmente antológica na interpretação de Carmen Miranda. Mário Lago teve também Benedito Lacerda e Elton Ribeiro como parceiros. Músicas suas foram gravadas, ainda, por Nelson Gonçalves, Francisco Carlos, Cauby Peixoto, Quarteto em Cy, Maria Bethânia e Gal Costa, entre outros cantores de renome.

Na Rádio Nacional, Mário Lago fazia sucesso não só com a execução de suas músicas, mas também como roteirista. Escreveu a radionovela “Presídio de mulheres”. Após ter sido demitido da emissora por razões políticas, trabalhou até em fotonovelas para sobreviver. “Posar para fotonovela é a coisa mais terrível do mundo. Você é um robô. O diretor diz ‘agora ri’, você ri e não sabe por quê”, lembrou numa entrevista concedida antes de morrer.

Além do teatro e do cinema, Mário Lago participou da televisão praticamente desde o seu advento no Brasil, na década de 50, fase anterior ao videoteipe, quando toda encenação

era feita ao vivo. Atuou em mais de 50 telenovelas, interpretando papéis marcantes. No cinema, foram 33 filmes entre 1947 e 1983.

A carreira de escritor iria ser retomada nos anos 70. Publicou *Na rolança do tempo* (1976), *Bagaço de beira de estrada* (1977) e *Meia porção de Sarapatel* (1986). Em 1988, viu publicada a sua biografia, *Mário Lago: boêmia e política*, escrita por Mônica Velloso. Em 1991, aos 80 anos, iniciaria uma nova carreira – a de *showman*. Mário Lago viajou pelo país inteiro durante oito anos apresentando o espetáculo “Causos e canções de Mário Lago”, onde cantava e contava histórias deliciosas de sua vida artística.

O MILITANTE

A presença do avô materno, com quem dividia o quarto na casa da sua infância, era marcante e constantemente lembrada por ele. O italiano Giuseppe, que também tocava flauta e ajudou-o a se interessar pela música, levava o menino pela mão para passear na cidade e assistir a acontecimentos da vida carioca importantes àquela época, como o desmonte do Morro do Castelo. A tendência trotskista do velho, que vibrava a cada notícia, cuidadosamente recortada dos jornais, do sucesso da Coluna Prestes na década

de 20, certamente levou Mário Lago a olhar o mundo de um ponto de vista mais à esquerda.

Porém, o contato direto com a doutrina marxista só viria na Faculdade de Direito. Ali começaria a longa militância política, cujas convicções lhe renderiam pelo menos sete prisões (1932, 1941, 1946, 1949, 1952, 1964 e 1969) e resistiriam até mesmo à queda do Muro de Berlim e ao desmoronamento do bloco de países comunistas no Leste europeu. Foi no ativismo político onde conheceu Zeli, durante uma manifestação do Partido Comunista no Largo da Carioca, com quem se casou e viveu até ficar viúvo, em 1997. Tiveram cinco filhos – Antônio Henrique, Graça Maria, Mário Lago Filho, Luiz Carlos (homenagem a Luiz Carlos Prestes) e Vanda.

No entanto, uma experiência vivida na antiga União Soviética, em 1957, causou-lhe certa decepção em relação ao regime que era símbolo para a grande maioria dos socialistas de então. A convite da Rádio de Moscou, foi participar da reestruturação do programa “Conversando com o Brasil”, quando apresentou aos camaradas algumas peças radiofônicas produzidas no Brasil. As propostas de Mário Lago foram taxadas de “burguesas” e “decadentes” pelos soviéticos, levando-o a criticá-los pelo excesso de gravidade e autoritarismo.

Mário Lago teve os direitos políticos cassados em 1964 pelo regime militar brasileiro, perdendo suas funções na Rádio Nacional, onde ingressara vários anos antes como intérprete e roteirista. Depois da desintegração do Partido Comunista Brasileiro, vinculou-se, em 1989, ao Partido dos Trabalhadores, participando, como âncora, do programa eleitoral na televisão do então candidato à presidência, Luís Inácio Lula da Silva, em 1998.

RECONHECIMENTO

Mário Lago foi homenageado no Carnaval de 2001, sendo tema do desfile da escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz. Seu nome também foi escolhido, no ano seguinte, pelo programa Domingão do Faustão, da Tv Globo, para premiar os grandes nomes da teledramaturgia com o *Troféu Mário Lago*, concedido anualmente. Em janeiro de 2002, o então presidente da Câmara dos Deputados, Aécio Neves, entregou-lhe, em sua casa, a Ordem do Mérito Parlamentar.

Após a sua morte, a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro decidiu mudar o nome da Praça Melvin Jones, mais conhecida como Buraco do Lume, no Centro da cidade, para Praça Mário Lago. □

Papéis interpretados por Mário Lago

Foto: Arquivo/Agência O Globo



NA TELEVISÃO:

2001 - O Clone - Dr. Molina (participação especial)
2000 - Brava Gente - Eleutério
1992/1999 - Você Decide (12 episódios)
1999 - Força de um Desejo - Teodoro
1998 - Pecado Capital - Amatto
1998 - Torre de Babel - Padre (participação especial)
1998 - Hilda Furacão - Olavo
1996 - O Fim do Mundo - Frei Luiz
1996 - Quem é Você?
1995 - Explode Coração
1995 - Engraçadinha, seus amores e seus pecados - Osmar
1994 - Quatro por Quatro - Henrique Pessoa
1993 - Agosto - Aniceto
1992 - De Corpo e Alma - Veiga
1992 - Despedida de Solteiro - Padre (participação especial)
1990 - Barriga de Aluguel - Dr. Molina
1989 - O Salvador da Pátria - Quinzote
1988 - O Pagador de Promessas - Dom Germano
1986 - Cambalacho - Antero Souza e Silva
1986 - Roda de Fogo - Antônio Villar
1985 - Grande Sertão: Veredas - Compadre Quelemem
1985 - Tenda dos Milagres - Judge João Reis
1985 - Um Sonho a Mais
1985 - O Tempo e o Vento - Padre Lara
1984 - Partido Alto
1984 - Padre Cícero - Núncio Apostólico
1983 - Guerra dos Sexos - juiz
1983 - Louco Amor - Agenor Rocha
1982 - Elas por Elas - Miguel Aranha
1981 - Brilhante - Vítor Newman
1981 - Baila Comigo - (participação especial)
1980 - Plumas & Paetês - Cristiano
1979 - Os Gigantes - Antônio Lucas
1979 - Dancin' Days - Alberico Santos
1977 - Nina - Galba
1976 - O Casarão - Atílio Souza
1975 - Pecado Capital - Perez
1975 - Cuca Legal - Aureliano
1975 - Escalada - Chico Dias
1974 - O Espigão - Gabriel Martins
1973 - Cavalo de Aço - Inácio

1972 - Selva de Pedra - Sebastião
1971 - Minha Doce Namorada - César
1971 - Assim na Terra Como no Céu - Oliveira Ramos
1970 - Verão Vermelho - Bruno
1969 - A Ponte dos Suspiros - Foscarini
1969 - Rosa Rebelde - Barão de La Torre
1968 - Passo dos Ventos - Dubois
1968 - O Homem Proibido - Ali Abbior
1967 - Presídio de Mulheres - Pierre (TV Tupi)
1967 - A Sombra de Rebeca - Tamura
1966 - O Sheik de Agadir - Otto Von Lucker
1963 - Nuvem de Fogo

NO CINEMA:

1983 - Idolatrada
1978 - O Velho Gregório
1977 - Lá Menor
1973 - Café na Cama
1971 - São Bernardo
1970 - Os Herdeiros
1970 - Badalada dos Infiéis
1969 - Pedro Diabo Ama Rosa Meia-Noite
1969 - O Bravo Guerreiro
1969 - Tempo de Violência
1969 - Incrível, Fantástico, Extraordinário
1968 - Desesperato
1968 - A Vida Provisória
1968 - Massacre no Supermercado
1967 - Terra em Transe
1967 - Na Mira do Assassino
1966 - O Padre e a Moça
1966 - Essa Gatinha é Minha
1966 - Na Onda do Iê-iê-iê
1966 - Cuidado, Espião Brasileiro em Ação
1965 - História de um Crápula
1962 - Assalto ao Trem Pagador
1962 - Assassinato em Copacabana
1959 - Mulheres, Cheguei!
1957 - Papai Fanfarrão
1953 - Balança Mas Não Cai
1952 - Pecadora Imaculada
1950 - A Sombra da Outra
1949 - O Homem que Passa
1948 - Uma Luz na Estrada
1948 - Terra Violenta
1947 - Asas do Brasil
1947 - O Homem que Chutou a Consciência

Foto: Adir Mera/Agência O Globo



Um tesouro prestes a ser descoberto pelo grande público

Projeto digitalizará mais de 95% da obra de Chiquinha Gonzaga. Entre as raridades, choros, valsas, marchinhas e até música sacra

PRISCILLA DAUMAS



Por causa de Francisca Edwiges Neves Gonzaga, a Chiquinha Gonzaga, o dicionário da língua portuguesa ganhou mais um substantivo. A palavra *maestrina* foi criada para ela, que foi a primeira mulher a reger uma orquestra no país, criou centenas de músicas em vários estilos e teve sua vida contada em livro, no teatro e na televisão. No entanto, mais de 95% da obra da compositora da primeira marchinha de carnaval (*“Ó abre alas, de 1889*) ainda se encontram desconhecidos e inacessíveis. Através do projeto Acervo Digital Chiquinha Gonzaga, pelo menos 283 partituras de choros, valsas, marchinhas, modinhas e outros ritmos serão restauradas, revisadas e digitalizadas e ficarão disponíveis no site AcervoChiquinhagonzaga.com.br, gratuitamente.

Pela primeira vez, as partituras receberão padronização visual e serão formatadas em duas versões: original, utilizando como base sua 1ª publicação e manuscritos, e, com cifras, facilitando o acesso a um maior número de músicos. A nova

edição terá revisão musicológica de Alexandre Dias, também revisor da obra completa de Ernesto Nazareth. Comentários de Edinha Diniz, biógrafa de Chiquinha, contarão informações inéditas dos bastidores de sua pesquisa. O projeto é de autoria do pianista Wandrei Braga, que também é pesquisador da compositora.

O recital *Saudades de Chiquinha Gonzaga*, organizado pela pianista Neusa França, na Embaixada de Portugal, em 2009, com a participação de 20 pianistas - entre eles Wandrei Braga e Alexandre Dias - foi a fonte de inspiração para a elaboração do projeto. No entanto, Wandrei já divulga informações sobre a maestrina através do site ChiquinhaGonzaga.com há mais de 11 anos no ar. Patrocinado por uma empresa de cosméticos, o projeto foi o escolhido entre outros 800 apresentados.

“Para mim, o Acervo Digital Chiquinha Gonzaga representa uma primeira e importante parte da recuperação e catalogação de toda a obra de Chiquinha”, destaca Braga.

O pesquisador mantém parceria com o Instituto Moreira Salles, que contém o acervo de maestrina, além da biógrafa Edinha Diniz, do portal *Musica Brasilis* (realizador de projeto semelhante com a obra de Ernesto Nazareth) e da Escola Portátil de Música.

A pesquisa já gerou a primeira descoberta, a música *Ave Maria*, jamais gravada ou publicada. A partitura de 1909 é dedicada a Virginia Quaresma, a primeira jornalista de Portugal, que se mudou para o Brasil e chegou a trabalhar no *Correio Português*. Segundo Alexandre Dias, pelo menos outras quatro partituras integram a obra sacra de Chiquinha, que é conhecida pelas suas polcas, marchinhas e tangos.

O lançamento está previsto para outubro, com recitais de piano em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, além de oficinas musicais na Escola Portátil, no Rio, com músicas de Chiquinha Gonzaga em arranjos feitos especialmente para o projeto, sob a coordenação dos músicos Maurício Carrilho e Luciana Rabello, diretores da entidade. □



Foto: Luis Fernando Lara

Ancoradouro natural ao longo dos últimos séculos, a Baía da Ilha Grande é hoje o paraíso das embarcações de lazer

Águas tranquilas e ventos de desenvolvimento no paraíso de Angra

Conheça a história, as peculiaridades e os contrastes do município que abriga as únicas usinas nucleares do país e exibe uma beleza natural exuberante

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Angra (sf). Pequena baía ou enseada aberta, geralmente no sopé de uma costa elevada.

Na antiga cartografia portuguesa, esse acidente geográfico era designado por um gê maiúsculo. Em 1502, as cartas náuticas lusitanas inseriram esse “G” em um ponto peculiar do litoral fluminense, descoberto no Dia de Reis daquele ano; uma grande baía pontilhada por centenas de ilhas, formando um magnífico abrigo natural para as embarcações, protegido

dos ventos e remansado por águas tranquilas.

Esse singular aspecto geográfico, admirado até hoje por suas características paradisíacas, que atraem turistas e amantes dos esportes náuticos ao litoral da Costa Verde do Estado do Rio, colocou Angra dos Reis em posição de destaque na rota produtiva de praticamente todos os ciclos econômicos do Brasil. A natureza forneceu ali mais do que beleza, encantamento e prazer. Produziu condições estratégicas ideais para apoiar o desenvolvimento do país.

À condição de refúgio seguro para as primeiras embarcações dos colonizadores em suas expedições, um segundo benefício foi logo identificado e acrescido pelos portugueses à relação de privilégios do local – a condição de fortaleza natural da baía, capaz de intimidar o assalto de agressores. Foi por isso que, em 1728, iniciou-se a construção do Caminho Novo, estrada que faria a ligação por terra entre Angra dos Reis, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, desviando a rota do ouro e dos diamantes do entreposto de



Localizado na enseada Batista das Neves, o Colégio Naval marca a presença da Marinha

Paraty, açoitado por piratas. A nova ligação terrestre combateria também os contrabandistas, cuja ação se favorecia do encaminhamento das riquezas para o Rio de Janeiro por via marítima.

Passado o ciclo do ouro, valorizou-se a aptidão portuária de Angra dos Reis, como se o local tivesse sido adrede preparado para oferecer suporte ao grande motor econômico do Brasil, por sua localização geográfica, no século XIX: logo abaixo do Vale do Paraíba, com o qual já havia estabelecido as ligações terrestres, e onde iria se desenvolver a cultura do café. O porto angrense foi, de fato, o mais importante economicamente do período, servindo de base para a chegada da mão-de-obra escrava e para o escoamento de grande parte do café produzido na Província fluminense.

No século XX, a decadência econômica imposta ao Estado do Rio pela derrocada do café começa-

ria a ser abrandada com as grandes obras de infraestrutura do governo Vargas, abrindo caminho para a industrialização do país. Associada ao porto, a criação do ramal ferroviário da Estrada de Ferro Central do Brasil realçaria novamente o caráter estratégico da localização de Angra dos Reis quando da criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, a qual utiliza até hoje a cidade como base de apoio logístico.

Mais uma vez, o mar tranquilo da baía angrense, com suas águas protegidas, ofereceria as condições ideais para dois importantes empreendimentos na segunda metade do século passado. Primeiro, ao aportar, através da construção do estaleiro Verolme, uma parte significativa da moderna indústria naval brasileira, impulsionada pela política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek; mais tarde, proporcionando o resfriamento dos

reatores das usinas implantadas pela ditadura militar na cidade, transformada em base única do programa nuclear brasileiro.

NATUREZA EXUBERANTE

Se um visitante quisesse explorar cada uma das ilhas de Angra dos Reis durante um dia inteiro, ele levaria exatamente um ano para conhecer o conjunto de 365 ilhas da região. Se a ideia fosse passar o dia completo em cada uma das praias do município, a maratona levaria mais de cinco anos, ao fim dos quais o banhista poderia apresentar, orgulhoso, o bronzeado adquirido nas 2 mil praias de Angra.

A exuberância da natureza, a localização privilegiada – a 157 quilômetros do Rio e 411 de São Paulo – e uma excelente infraestrutura hoteleira e gastronômica fazem da cidade uma das melhores opções nos roteiros turísticos do Sudeste brasileiro. Há uma grande variedade de excelentes resorts, hotéis, pousadas,

bares e restaurantes, que oferecem conforto e verdadeiras delícias gastronômicas. Barcos para aluguel e equipamentos de mergulho estão à disposição dos exploradores do mar de Angra dos Reis.

Na grande diversidade de atrações para o turista há praias praticamente virgens, com natureza intocada, e outras mais movimentadas, com boa estrutura de hotéis, bares e restaurantes. A proximidade com a Ilha Grande é outro ponto a favor de Angra, já que em uma curta viagem de saveiro ou escuna o visitante pode chegar a lugares de águas claras e convidativas para o mergulho.

Um roteiro bem montado, no entanto, não pode deixar de passar pela Ilha de Cataguás. Conhecida como o Caribe brasileiro, a ilha chama a atenção por suas belas paisagens. A praia, com areia branca e fina, não tem ondas, como várias outras da região. Já as Ilhas Botinas são consideradas um dos cartões postais de Angra.

Outro ponto bastante visitado é a Ilha da Gipoia. Localizada a 30 minutos de barco do Centro de Angra, a ilha oferece boa infraestrutura para o turista, com pousadas, bares e restaurantes. Inseridas em área de proteção ambiental, as praias possuem areias finas, além de vegetação praticamente intocada. Lá, as melhores pedidas são a Praia da Gipoia, Praia das Flechas e a Praia do Vitorino.



Foto: Luis Fernando Lara

São 365 ilhas, uma para cada dia do ano



Usinas nucleares: a energia que nasce do paraíso

ALÉM DOS CARTÕES POSTAIS

Praias, ilhas e montanhas, embora estampem a maioria dos cartões postais, não são, porém, as únicas maravilhas de Angra dos Reis. A par de seu peso histórico, simbolizado pelos casarões coloniais, a cidade possui um folclore espelhado sobretudo na Festa do Divino, com suas procissões marítimas, e na Folia de Reis, além de uma rica tradição literária. Com todos esses ingredientes, a terra do escritor Raul Pompéia (O Ateneu), do historiador Alípio Mendes e do poeta Brasil dos Reis também respira cultura.

A obra de Raul Pompéia é bastante conhecida, enquanto as de Alípio Mendes de Brasil dos Reis – esse último, um dos bambas da roda lítero-boêmia do Café Paris na Niterói dos anos 10 e 20 do século passado – são hoje apreciadas principalmente pelo público da cidade e suas instituições acadêmicas, como o atuante Ateneu Angrense de Letras e Artes.

Em seu livro Paisagem Fluminense (Instituto Fluminense do Livro/Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1969), Jacy Pacheco destaca, no capítulo dedicado a Angra dos Reis, alguns textos desses dois escritores, como ao lado.

A lenda do Convento de São Bernardino

(ALÍPIO MENDES)

Não podiam os frades franciscanos e seus Conventos em Angra dos Reis passar sem ter suas lendas, suas estórias.

Durante a invasão francesa de 1710, estivera a esquadra de Duclerc bombardeando a vila e deliberadamente o VELHO CONVENTO, ao tempo do guardianato de Frei João da Conceição Sanches.

Com os poucos recursos de que dispunha, o Governador enfrentou o ataque. Com a ilha cada vez mais bombardeada, com o Convento de São Bernardino sendo muito alvejado, a população – diz a lenda – refugiou-se no primitivo Convento dos Franciscanos, localizado na "Cachoeira" e orando fervorosamente implorou a proteção divina.

Rezava a população angrense juntamente com os piedosos monges do Convento, quando



Restaurado, o Teatro Municipal é um símbolo arquitetônico

uma certa boca de fogo francesa alveja a porta principal do Convento. Nesse momento a imagem do Orago São Bernardino de Sena, como que recebendo vida, desce de seu nicho no altar-mór e começa a aparar as balas com as mãos!

Brasil dos Reis, o laureado poeta angrése, nos seus "Postais", assim nos retrata a lenda:

*Conta uma lenda bonita
Que a gente antiga encantou,
a história de uma desdita
que na vila se passou.*

*Uma galera maldita
que a mão do demo empurrou,
em nossa plaga bendita
um dia aziago aportou.*

*Logo um tiro os ares corta...
do Convento à larga porta
cai – e enquanto em confusão,*

*A rebate toca o sino,
desce o altar São Bernardino
e apanha a bala com a mão!*



Convento Nossa Senhora do Carmo, destaque do Corredor Turístico

Nas proximidades do corredor turístico da Estrada do Contorno se encontram outras boas opções de praias. A Praia Grande, por exemplo, é atualmente um dos pontos mais frequentados no verão pelos turistas, que têm procurado bastante os hotéis e pousadas da região. No local o visitante ainda encontra ótimas opções de restaurantes e bares, além de atrativos para passeios de saveiros, lanchas e agências especializadas em mergulho.

PRIMEIROS HABITANTES

Esculpido pela natureza entre a montanha e o mar, o território de Angra dos Reis abrange, além de sua faixa continental, 365 ilhas pontilhadas na Baía da Ilha Grande, uma das mais belas regiões do país, procurada por turistas de todo o Brasil e do exterior. Antes, porém, de se tornar um dos destinos preferidos dos apreciadores de seu litoral caprichosamente recortado e de suas águas transparentes, a região foi o paraíso de antigas civilizações.

A maior parte dos arqueólogos considera que a faixa litorânea da Costa Verde já era ocupada desde 9.000 AC. Os habitantes da região, vindos da Patagônia, formavam grupos coletores nômades que se alimentavam de pequena caça e pescado. Por coletarem grande quantidade de conchas e mariscos, que formavam a base de sua

alimentação e de cujos restos formavam verdadeiras montanhas de detritos, foram apelidados pelos seus sucessores, os índios tamoios, de “sambaquis”, cuja tradução literal significa “monte de conchas”.

A cultura Sambaqui floresceu em grande parte da faixa litorânea brasileira e durou, com exceções, até os séculos V e VI da era Cristã. Nessa época, grupos humanos oriundos do interior do Brasil invadiram o litoral e se miscigenaram com os sambaquis. Os novos ocupantes possuíam cerâmicas, trançados elaborados, armas eficientes e eram melhor organizados. Da fusão cultural dos dois povos resultou o que hoje denominamos de cultura indígena.

Logo, esta cultura se dividiu em três grandes subculturas, modernamente denominadas Tupi, Ge e Aruaque. Os tupis dominaram a Costa Verde e em especial, Angra dos Reis. Onde hoje fica a área urbana de Angra dos Reis existiam simultaneamente índios tamoios, goianases (um subgrupo) e os carijós (outro subgrupo tupi). Até a chegada dos colonizadores essas tribos viveram em relativa paz, encerrada no momento em que os conquistadores lusos conseguiram aliar-se aos índios goianases, o que gerou inimizades entre as diversas comunidades.



Águas transparentes dão ao mar um tom de Caribe brasileiro



Foto: Luis Fernando Lara

Em Angra, o carnaval é comemorado a bordo das embarcações

QUANDO OS NAUFRÁGIOS SÃO ATRAÇÃO

A Baía da Ilha Grande abriga a maior concentração de naufrágios do mundo, o que a torna uma grande atração para o crescente turismo subaquático. No fundo da baía estão o vapor Bezerra de Menezes, naufragado em 1860, próximo à Laje Alagada; o vapor Califórnia, do tipo dos vapores do rio Mississippi, que naufragou na Praia Vermelha; o encouraçado Aquidabã, naufragado em 21 de janeiro de 1906, sendo àquela época o mais importante navio de guerra da Marinha Brasileira; o navio Pinguim, naufragado em 1959 na enseada

do Sítio Forte; e o vapor Japurá, que afundou na Parnaioca, em 1860.

São muitos os turistas – inclusive estrangeiros – que procuram a cidade para mergulhar na baía e visitar os locais dos naufrágios. Outros 16 naufrágios estão sendo pesquisados. A Baía da Ilha Grande, por ser muito abrigada e protegida das batidas e ventos do oceano, não sofre os efeitos de grandes tempestades, sendo sempre muito procurada pelos barcos e navios, que ali podem fundear em segurança e consertar suas avarias. A ilha servia antigamente aos navegantes como um ponto de reabaste-

cimento de água potável e alimentos.

A região foi também rota de passagem do ouro que vinha da Minas Gerais e era embarcado para Europa em Paraty e Angra dos Reis. Um dos galeões de madeira que está sendo pesquisado atualmente naufragou por volta de 1500 e consta nos registros históricos que, quando os portugueses vinham buscar índios, um deles, o índio Cunhambebe, encheu várias canoas de palha e incendiou o galeão, levando-o ao fundo. Ele está naufragado próximo à enseada do Abraão, na Ilha Grande, onde muitos outros galeões também afundaram.



Mar calmo e águas límpidas atraem os banhistas nas Ilhas Botinas

ILHA GRANDE

Maior ilha do Estado do Rio, a Ilha Grande é uma das atrações da Costa Verde. Sua diversidade biológica a coloca em destaque no território nacional, com algumas espécies somente encontradas lá. Seu território ocupa 193 Km², pelos quais se espalham 106 praias, cachoeiras e montanhas. A ilha pode ser alcançada em uma viagem de barco de uma hora e meia, saindo de Angra dos Reis.

Alguns se encontram hoje cobertos com até quatro metros de areia.

No princípio do século XX, a localidade de Jacuecanga, no município de Angra dos Reis, foi escolhida para sediar uma grande base naval e o novo Arsenal da Marinha de Guerra do Brasil. A Marinha resolveu mandar uma pequena força naval ao local para proceder às devidas sondagens e estudos. Eram três navios: o encouraçado Aquidabã, e os cruzadores Barroso e Tiradentes. Todos os três saíram do Rio de Janeiro na manhã do dia 20 de janeiro de 1906, chegando a Jacuecanga na tarde do mesmo dia. O encouraçado Aquidabã, Nau Capitânea da Esquadra Brasileira, transportava, além da tripulação oficial,

Como toda a região, a Ilha Grande era primitivamente habitada por índios tamoios e tupinambás. Deles recebera o nome de Ipaum (Ilha) Guaçu (Grande). Também foram os nativos que abriram as trilhas utilizadas até hoje. A partir da Vila do Abraão, principal núcleo urbano da Ilha, os caminhos abertos da mata levam a praias e enseadas pouco exploradas.

Uma das praias mais bonitas é a de Lopes Mendes, no lado Sul da Ilha

engenheiros, técnicos, construtores navais e várias autoridades.

Às 22 horas do dia 21 de janeiro, ocorreu uma grande explosão a bordo do Aquidabã, seguida de outras menores, levando o encouraçado a afundar, carregando consigo 200 homens em seu túmulo de aço. A explosão levou também para o fundo do mar a ideia da construção de sua base naval ali. Hoje, o Aquidabã repousa, recoberto de corais, no fundo da baía e serve de habitat de inúmeras espécies de peixes raros. Um monumento foi erguido no litoral angrense para homenagear os mortos daquela que é até hoje a maior tragédia naval brasileira.

Grande. Naquela face de mar aberto, as águas são bravias, diferente do lado norte e da própria cidade, cujas praias são protegidas e por isso, tranquilas. No outro extremo, fica a praia do Provetá, alcançada de barco. Entre as duas, fica a Reserva Biológica da Praia do Sul.

Coberta por exuberante vegetação de floresta tropical, ostentando uma rica flora e fauna nativas, a Ilha Grande está legalmente preservada por lei de proteção ambiental. O ponto culminante é a Pedra D'água, com 1.037m de altitude, porém, o mais interessante é o Pico do Papagaio (980m), devido à forma que originou o nome. O interior da ilha está totalmente tomado por floresta tropical, densa e exuberante, sendo ocupado em grande parte pelo Parque Estadual da Ilha Grande e pela Reserva Biológica da Praia do Sul. O tráfego de automóveis e a prática de camping selvagem são proibidos.

O folclore do local inclui histórias de tesouros enterrados por piratas, corroboradas pela descoberta de um grande número de navios naufragados na baía que a cerca. Suas características naturais convidam à prática de esportes náuticos e aquáticos, bem como a longas caminhadas através da mata densa. A Vila do Abraão possui infraestrutura para atender as necessidades dos visitantes em termos de hospedagem e alimentação, bem como para o aluguel de barcos e equipamentos de pesca e de mergulho. □

A NOVIDADE DA BOSSA

Os porquês do repertório-símbolo da modernidade brasileira

RICARDO CRAVO ALBIN

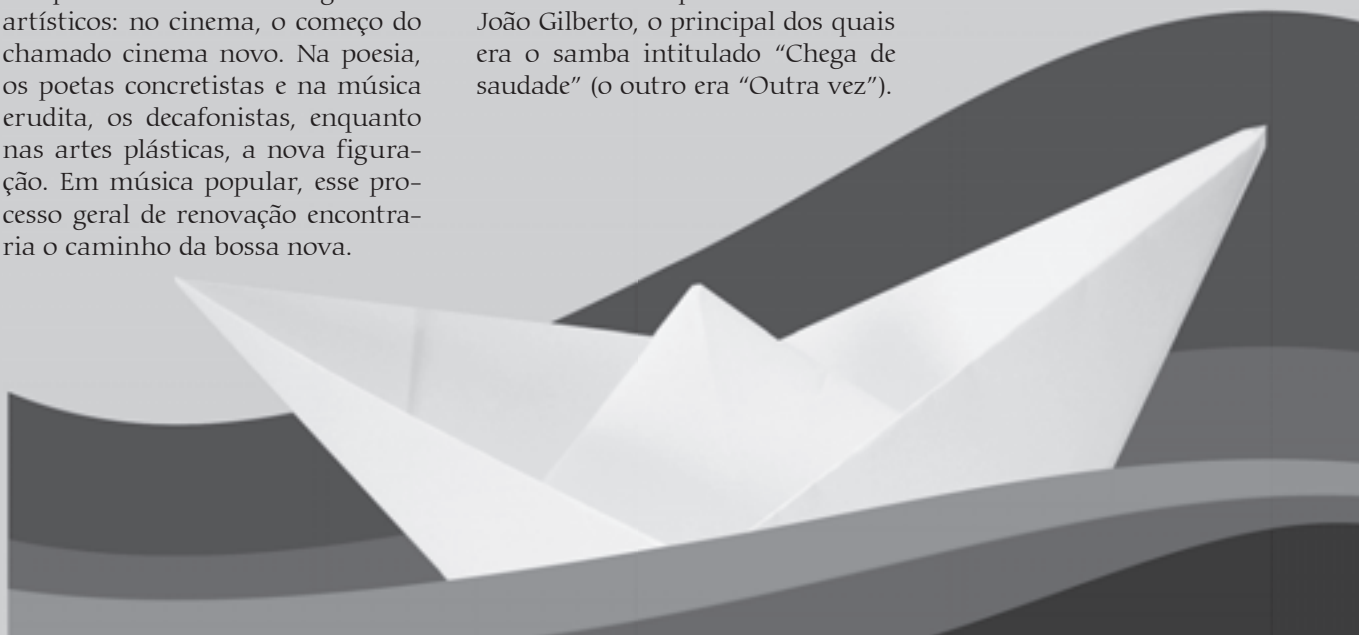
A bossa nova nasceu como uma reação intuitiva de gente jovem ao processo de estagnação em que se encontrava a música popular nos anos 50, invadida por ritmos estrangeiros, em especial os boleros, as rumbas e as canções americanas comerciais, além dos ritmos para consumo cíclico da juventude, como o chá-chá-chá, o rock, o twist e o merengue. Havia ainda uma enxurrada de versões e de sambas-canções brasileiros, de baixo nível, onde falta de talento e vulgaridade eram elementos constantes.

A bossa nova, portanto, surgiria não apenas como uma reação a esse estado de coisas. Seria também um elemento definidor da febre pelas novidades que se abriam para o desenvolvimento do país. O governo JK prometia cinquenta anos em cinco e começava a construir Brasília, a abrir estradas de rodagem e a implantar parques industriais pesados. O Brasil vivia um clima de euforia nos três últimos anos da década de 50, do qual sairiam também movimentos renovadores no campo de vários outros segmentos artísticos: no cinema, o começo do chamado cinema novo. Na poesia, os poetas concretistas e na música erudita, os decafonistas, enquanto nas artes plásticas, a nova figuração. Em música popular, esse processo geral de renovação encontraria o caminho da bossa nova.

Historicamente, pode-se determinar o aparecimento formal da bossa nova em 1958 quando se juntaram personagens em três setores distintos da criação musical: João Gilberto - o ritmo e a atmosfera cool de seu violão, Antonio Carlos Jobim - a melodia e harmonia do seu piano singular, e Vinícius de Moraes - a letra de sua provocadora paixão. O mais importante deles (para a bossa nova, que fique claro), João Gilberto, era um violonista baiano que trazia dentro do violão toda a malícia, a manemolência e até a languidez descansada de sua terra. Foi ele o criador da batida da bossa nova, maneira diferente e pouco usual de tocar violão, que conferia ao ritmo um sabor de samba mais lento, mais adocicado. Ou mais "aguado" - como ironizavam alguns dos algozes do novo movimento. O primeiro encontro dos três mosqueteiros da bossa nova (abril, 1958) se daria no elepê "Canção do amor demais", em que a cantora Elizeth Cardoso cantava doze músicas da nova dupla, Vinícius e Tom. Em dois desses números aparecia o violão de João Gilberto, o principal dos quais era o samba intitulado "Chega de saudade" (o outro era "Outra vez").

A partir da bossa nova, Vinícius fez música com todo o mundo. A começar por Tom, ele projetaria Carlos Lyra (60), Baden Powell (62), Edu Lobo (63), Francis Hime (64), Toquinho (68), e faria música com quase todos os compositores jovens ou não jovens do Brasil, como Ary Barroso, Pixinguinha e até Bach, para cuja peça "Jesus Alegria dos Homens" colocou letra, mudou-lhe atrevidamente o ritmo para marcha-rancho e a rebatizou de "Rancho das flores".

Já Antônio Carlos Jobim abandonou a Faculdade de Arquitetura no começo dos 50 para dedicar-se à música. A primeira a despertar discreta curiosidade do público foi "Teresa da Praia", em parceria com Billy Blanco, gravada (julho de 54) por Dick Farney e Lúcio Alves, cantores do samba-canção, mas que interpretavam suas criações com um sentido de improviso e descontração que neles já se registravam - como em Johnny Alf - alguns indícios da inquietação musical que a bossa nova absorveria.





Ainda no mesmo período das parcerias iniciais com Billy Blanco, Dolores Duran, Marino Pinto, e logo depois Vinícius - a quem ele foi apresentado por Lúcio Rangel no bar Vilarinho, para musicar a peça "Orfeu da Conceição" - Jobim também fazia música com um amigo de juventude da praia de Ipanema. Era o pianista Newton Mendonça, com quem comporia dois clássicos da bossa nova depois de "Chega de Saudade". E apenas para defender o novo movimento musical. O fato concreto: uma tempestade de críticas começou a aparecer contra os estruturadores da bossa nova, especialmente João Gilberto, a quem os críticos tradicionais acusavam de desafinado, de antimusical e de outros insultos. Essas duas músicas de Tom e Mendonça foram respostas bem-humoradas à acidez dos críticos: "Desafinado" e "Samba de uma nota só". No primeiro (1959) eles defendiam o supostamente desafinado João e a bossa nova: "Se você insiste em classificar / Meu comportamento de anti musical / Eu mesmo mentindo devo argumentar / Que isso é bossa nova, isto é muito natural"... No segundo, "Samba de uma nota só" (1960), Tom e Mendonça mais uma vez respondiam aos detratores da bossa nova, reafirmando com ironia: "Eis aqui este sambinha / Feito numa nota só / Outras notas vão entrar / Mas a base é uma só". E concluíam na segunda parte da música: "Tanta gente por aí que fala tanto / E não diz nada, ou quase nada".

Apenas para resumir: a bossa nova teria sido historicamente criada por Jobim, Vinícius e muito especialmente por João Gilberto, com a batida de um violão criativo e provocante. O que não quer dizer que o novo movimento ficasse restrito a eles. Muito pelo contrário: sambistas, cantores e, especialmente, músicos juntaram-se

O BARQUINHO

*Dia de luz, festa de sol
E o barquinho a deslizar
No macio azul do mar
Tudo é verão, o amor se faz
No barquinho pelo mar
Que desliza sem parar
Sem intenção, nossa canção
Vai saindo desse mar
E o sol
Beija o barco e luz
Dias tão azuis*

*Volta do mar, desmaia o sol
E o barquinho a deslizar
E a vontade de cantar
Céu tão azul, ilhas do sul
E o barquinho, coração
Deslizando na canção
Tudo isso é paz
Tudo isso traz
Uma calma de verão
E então
O barquinho vai
E a tardinha cai*

para institucionalizá-lo, dando-lhe a segurança numérica que qualquer movimento musical carece para declarar-se instalado e propagar-se.

Essas pessoas eram, no mais das vezes, universitários que se preocupavam muito com o progresso sócio-econômico do país e com seus crônicos problemas sócio-políticos. Os músicos - fascinados pela nova estrutura harmônica que se desencadeara com Tom Jobim - eram ouvintes do jazz norte-americano e se juntavam em apartamentos de Copacabana e de Ipanema para fazer "jam-sessions", onde ouviam nos picapes de alta fidelidade, as bolachas de músicos e vocalistas norte-americanos. Daí aos primeiros "shows" grupais foi um passo. Os centros universitários ganharam

as preferências dos bossa-novistas, o principal dos quais foi o anfiteatro da Faculdade de Arquitetura na Urca. Começaram então a mostrar suas caras, gente nova como o violonista Roberto Menescal e o jornalista Ronaldo Boscoli, autores de obra pontuada de êxito naqueles anos iniciais dos 60, especialmente "O barquinho". Ou a doce e encantadora Nara Leão, a musa do movimento que cantava num barquinho, exibindo as lindas pernas e uma franjinha. Ambos, pernocas e franjinha, causariam "frisson". E tanto que Nara virou, naturalmente, a musa da bossa.

Logo se destacaria entre os bossanovistas, pelo excepcional talento de melodista e compositor, o violonista e cantor Carlos Lyra. A verdade - e essa terá sido uma digna contribuição cultural de Lyra - é que ele aceitou em parte a harmonia jazzística, apenas como elemento enriquecedor, mas não admitiu a transformação do nosso ritmo em jazz. Sua música "Influência do jazz" (1962) não poupa crítica ao estado em que chegava o samba jazzificado dos primeiros anos da década de 60, quando proclama: "Pobre samba meu / Foi-se modernizando e se perdeu / É um samba torto / Pró cima e prá trás / Influência do jazz".

Mesmo com a influência do jazz, a bossa nova se propagaria a partir de 1962 pelos EUA e pelo mundo. O concerto do Carnegie Hall (1962) seria considerado, em termos históricos, o início formal do rastilho de pólvora da bossa nova por todos os continentes. E, por consequência, seu elenco de músicas - ícones. Inclusive o Barquinho, objeto deste "Prelo". □

RICARDO CRAVO ALBIN
É musicólogo, produtor musical,
crítico, radialista e presidente do
Instituto Cravo Albin

OUÇA A VOZ DA EXPERIÊNCIA.

BRUNO FOI VÍTIMA DE ACIDENTE DE
TRÂNSITO E AGORA TRABALHA NA
OPERAÇÃO LEI SECA, QUE JÁ SALVOU
MAIS DE 3.500 VIDAS NO RIO DE JANEIRO.
NUNCA DIRIJA DEPOIS DE BEBER.



BRUNO DUTRA,
colaborador da
Operação Lei Seca

**OPERAÇÃO
LEI SECA**

NUNCA DIRIJA DEPOIS DE BEBER

APOIO:



A MELHOR IMPRESSÃO DO RIO PASSA POR AQUI.



Agora em novo endereço:

***Rua Professor Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói/RJ - CEP 24030-230***



D.O. GRÁTIS
NA INTERNET, ACESSE:
imprensaoficial.rj.gov.br

NOVA
Imprensa Oficial
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



SECRETARIA
DA CASA CIVIL